



PREFEITURA DE SÃO PAULO

Gilberto Kassab
Prefeito de São Paulo

Francisco Buonafina
Secretário Municipal de Participação e Parceria

Maria Aparecida de Laia
Coordenadora da CONE

Coordenadoria dos Assuntos da População Negra - CONE

Rua Líbero Badaró, 119 - 6º Andar
Tel.: 11 3113-9750 - cone@prefeitura.sp.gov.br

SUMÁRIO

Prefácio Ministro Eloi Ferreira.....	03
Prefácio Deputado Estadual Ricardo Montoro.....	05
Dedicatória Nuno Coelho.....	07
Dedicatória João Carlos Pio de Souza.....	08
Apresentação.....	09
Um Olhar para a história e a ação dos Agentes de Pastoral Negros do Brasil.....	11
Assim Nascemos.....	21
Construindo os Alicerces.....	23
O Surgimento do Grupo de União e Consciência Negra.....	25
Zumbi: Política e Carnaval se Inspiram na História da Resistência Negra.....	49
O Fim de Um Processo Histórico.....	53
As Bandeiras de Luta dos APNs.....	58
Profetismo, Tetemunho e Esperança.....	72
A história e o significado da bandeira.....	79

Prefácio

Ministro Eloi Ferreira *

O início da história dos Agentes de Pastoral Negros foi marcado pela luta em defesa da redemocratização do país. Envolvidos no processo de elaboração da Constituição Federal de 1988, os APNs ajudaram a assegurar o direito à preservação da cultura e identidade da população negra brasileira, bem como o direito à titulação das terras ocupadas por gerações e gerações de homens e mulheres quilombolas, que se contrapuseram ao regime escravocrata e constituíram um novo modelo de sociedade e de relação social.

Aprovada a Constituição Cidadã, os APNs continuaram a protagonizar a denúncia incansável do racismo e da discriminação racial, a busca por relações raciais mais equilibradas no país, e o resgate dos valores culturais e religiosos da população negra. Objetivos que ficaram patentes com a destacada participação dos agentes em momentos importantes, como na III Conferência das Nações Unidas contra o Racismo, realizada no ano de 2001 em Durban, na África do Sul; na construção da Lei 10.639, que institui nas escolas o ensino obrigatório

da história afro-brasileira; e no apoio aos movimentos de combate à intolerância religiosa em nosso país.

No controle social das políticas públicas, os APNs estão presentes em fóruns importantes, como o Conselho Nacional de Segurança Alimentar, o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial e o Conselho Nacional de Educação. E, na base, os APNs são a mola propulsora da articulação da população negra nas Igrejas.

Desejo que o livro “CAMINHO DOS AGENTES DE PASTORAL NEGROS DO BRASIL: Para além da história” seja uma referência de muita reflexão e crescimento. Para que, juntos, estejamos ainda mais fortes em nosso compromisso de fazer do Brasil um país onde todos tenham não apenas a igualdade formal dos direitos, mas a igualdade real das oportunidades.

**Ministro Chefe da Secretaria de
Políticas de Promoção da Igualdade Racial
Presidência da República*

Prefácio

A cidadania de um povo se constrói com o desenvolvimento de sua auto-estima e esta se constrói no exemplo de dignidade, altivez e seriedade.

Hoje, dentro de uma construção democrática das relações políticas e sociais, a nação brasileira esta implementando Políticas de Ações Afirmativas no intuito de reparar ou minorar os danos historicamente causados aos afrodescendentes brasileiros, danos esses evidenciados nos tristes índices que comprovam o Apartheid social causado por uma sociedade racista e hipócrita.

A luta do negro na sociedade brasileira tem ocorrido desde o início da escravatura como forma de resistência contra a situação desfavorável de vida que teve e ainda tem em nosso país

É notório que a partir da abolição, os sobreviventes da escravidão e seus afro-descendentes de hoje foram simplesmente submetidos a um sistema econômico excludente e também a um sistema educacional mono-cultural e eurocêntrico, estranhos a sua história, sua cultura e a

sua concepção de mundo, proporcionando uma submissão cultural e econômica tão sofrida quando da ocorrida durante a escravidão.

Os movimentos sociais negros e em especial os Agentes de Pastoral Negros (APNs) atuam de forma indelével nestes processos, ao auxiliar na superação com relação às novas espécies de dominação ideológica do capitalismo, que possuem o auspício das elites e autoridades brasileiras.

Ricardo Montoro
Deputado Estadual

Dedicatória

Dedico esse importante trabalho aos meus companheiros de Fé e Luta que me ensinaram ao longo dos anos a encontrar caminhos para combater a discriminação racial, sempre trilhando os caminhos da justiça e da liberdade de expressão, sem perder nossas referências.

Aos meus pais que me dedicaram o dom da vida para ser testemunha de tantas experiências conquistadas nesta jornada.

Aos meus filhos João Eduardo e Lívia para que não percam na vida os rastros percorridos por mim, e a Gardênia, mãe dos meus filhos.

Em especial a Jaqueline, pelo incentivo e a dedicação na construção deste livro.

Nuno Coelho

Dedicatória

Dedico este livro à minha esposa Anaíse, minha filha Núbia Kekeê, a minha mãe, aos meus irmãos e irmãs, à memória do meu pai, com os quais tenho descoberto que a luta coletiva é um instrumento para a manutenção da vida.

A todos os malungos e as malungas APNs, deste imenso país, com os quais na raça e na fé caminho na certeza da construção do grande Quilombo Brasil

As irmãs e aos irmãos congadeiros com os quais tenho aprendido que a memória e a tradição africana são a base para o sonho por um mundo melhor sem machismo e sem racismo.

João Carlos Pio de Souza

Apresentação

Muito me alegra a oportunidade de apresentar um trabalho que retrata uma História de Resistência, Organização, Fé e Luta.

Falar dos APNs é fazer uma viagem na história do Movimento Negro Brasileiro e da redemocratização do país. Essa história está relacionada a uma série de fatores que determinaram a sociedade brasileira e as igrejas na década de 1970 e no início da década de 1980.

Nuno Coelho e João Pio trazem neste livro um dos indicativos para os APNs que foi a organização de trabalhos e ações junto às comunidades afro-brasileiras empobrecidas, o diálogo com as comunidades de matriz africana e com o movimento social e popular. A atuação dos APNs na defesa dos direitos e na promoção da comunidade negra que constitui-se, desde o princípio, como uma ação conscientizadora e libertadora.

Esta publicação chega para todos nós em um momento importante da história não só dos APNs mas de toda a sociedade brasileira e em

especial dos afrodescendentes onde o Estado e a Sociedade tem dado passos significativos em favor das políticas de ações afirmativas e no enfrentamento das discriminações raciais. Exemplo disso é a atuação desta entidade em diversos instrumentos de monitoramento das políticas públicas como o Conselho de Gestão da Coordenadoria dos Assuntos da População Negra de São Paulo, da qual os APNs tem assento.

Desejamos que tanto os Agentes de Pastoral Negros quanto os diversos leitores que neste momento iniciam sua dedicada leitura continuem ao exemplo dos APNs trilhando caminhos para fazer uma nova história de Organização, Fé e Luta para nós povo negro brasileiro.

Maria Aparecida de Laia
Coordenadora Geral dos Assuntos da População Negra da
Secretaria de Participação e Parceria do Município de São Paulo

Um olhar para a história e a ação dos Agentes de Pastoral Negros do Brasil

Refletir sobre a história dos Agentes de Pastoral Negros (APNs) significa entender como se deu até hoje os trabalhos e ações da entidade junto das comunidades afro-brasileiras, como organização política e social de negras e negros, e analisá-la e à luz da atual conjuntura que nos desafia para a necessidade da mudança da prática e do discurso diante dos novos desafios colocados pela sociedade contemporânea e o mundo globalizado.

Analisando a história dos Agentes de Pastoral Negros (APNs) percebemos que o seu surgimento está relacionado a uma série de fatores que determinaram a sociedade brasileira e as igrejas na década de 70 e no início da década de 80, dentre eles: o fim da ditadura militar, a luta pela democracia, o fortalecimento da Teologia da Libertação. Durante este período diversos movimentos sociais emergem no cenário da luta pela democracia no país e, com eles, novos atores sociais, dentre os quais as negras e os negros.

Neste cenário em que negras e negros emergem como protagonistas e sujeitos da história, o movimento dos Agentes de Pastoral Negros surgem como um grupo de conscientização, organização e valorização da população afro-brasileira.

Para a história dos APNs, Puebla, representou um fator significativo no sentido de alavancar o trabalho da entidade. Na verdade, os APNs, nasceram a partir de uma preocupação que, desde Puebla,

vinha acompanhando certos setores da igreja, sobretudo os negros e as negras, que atuando em diversas práticas pastorais se questionavam sobre a falta de conhecimento de muitos agentes de pastoral sobre a realidade da população negra. Aliado a isto, a situação de iniquidade e de desigualdade vivida pela população brasileira, particularmente os negros, foram outros elementos motivadores de uma ação no seio da comunidade afro-brasileira.

O trabalho de inserção nas comunidades negras empobrecidas aparece desde o princípio da caminhada do movimento dos Agentes de Pastoral Negros, como prioridade e, por sua vez, constitui-se como uma ação de conscientização, organização e libertação. Desde os seus primórdios a ação dos APNs tem sido de organização de trabalhos e ações junto às comunidades afro-brasileiras empobrecidas, de diálogo inter-religioso com as comunidades religiões de matriz africana e atuação nos movimentos sociais e popular. A ação política dos APNs está pautada na perspectiva de pensar a realidade a partir das dimensões da fé, da política e da cultura como elementos fundantes para a luta contra o racismo e todas as formas de discriminação na sociedade e nas igrejas.

Ao longo destes 27 anos de existência dos APNs foi de fundamental importância perceber a fé, como elemento fundamental na vida da comunidade negra, não pode ser desprezada nas lutas pela vida. A própria percepção da convicção de fé das lideranças dos grupos e comunidades negras se constituiu num dos elementos que impulsionou a história dos APNs.

O avanço do trabalho dos APNs pode ser atribuído à capacidade

de articulação de uma triplice dimensão: a sócio-política; a da fé e da cultura. Estas dimensões têm se constituído num elemento de distinção dos APNs dentre os demais grupos e organizações do movimento negro envolvidas na luta contra o racismo.

Ao longo da história podemos perceber que os APNs, com seus diversos trabalhos obtiveram importantes avanços políticos como:

1 - Ter se tornado uma organização reconhecida e atuante a nível nacional, tanto que vem conseguindo persistir frente as mudanças significativas da conjuntura mundial, nacional e nas diversidades locais deste país-continente;

2 - Ser sinal da visibilidade das populações negras nos espaços eclesiais;

3 - Estar problematizando e propondo saídas concretas para a situação caótica da educação, sobretudo com resultados de cursos de formação pré-universitária para os(as) jovens negros(as), a organização de cursos e de encontros de formação para professores/educadores sobre a história e a cultura negra, além do desenvolvimento de diversos projetos sócio-pedagógicos visando a auto-estima e a defesa dos direitos da crianças, adolescentes e jovens;

4 - Avanço no debate, estudo e aplicação de práticas litúrgicas que colocam as igrejas mais inculturadas das realidades da populações afro-brasileiras;

5 - A valorização da presença da mulher negra e suas intervenções

no interior da organização e na sociedade brasileira;

6 - A inserção em diversos espaços políticos, nas pastorais, nos partidos políticos, nos conselhos, nos sindicatos e nas diversas lutas sociais;

7 - A defesa dos direitos e pela titulação das terras das comunidades quilombolas.

A trajetória histórica dos APNs deve ser vista considerando o que aconteceu nas últimas quatro décadas no mundo, na sociedade brasileira, no movimento social, particularmente no movimento negro, no que diz respeito nas questões relacionadas ao combate ao racismo e na promoção da igualdade racial. A história dos APNs deve ser compreendida dentro de três momentos que a organização vivenciou e que favoreceram o seu amadurecimento e a consolidação. Lembramos que estes momentos não estão separados uns dos outros, mas se entrelaçam e estão presentes ainda hoje na história da organização.

O primeiro momento coincide com o próprio processo que se dá ao interno da organização e no conjunto do movimento negro, de descoberta da negritude, onde a tônica dos trabalhos se deu em torno do resgate da história e da identidade negra, sobretudo no processo de formação de diversos grupos de APNs que à luz da Bíblia e da realidade política, social e econômica refletiam sobre a situação da comunidade negra vitimada pelo racismo e pela discriminação. É a fase da afirmação da identidade e da descoberta de pertença a comunidade negra.

O segundo momento coincide com o período em que os APNs a

nível nacional passam a se preocupar nos encontros e cursos de formação com questões prioritárias presentes no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. É quando, os Agentes de Pastoral Negros, “no processo de ampliação do movimento negro nacional assumem as lutas e as causas sociais e econômicas da comunidade negra”². Neste período, nas diversas regiões onde atuavam os APNs passaram a desenvolver uma série de trabalhos de resgate da história e da cultura negra com grupos de crianças, dança-afro, capoeira, mulheres, professores, advogados, teologia negra, comunidades remanescentes de quilombos e etc.

Como nos relatou o Pe. Antônio Aparecido³ respondendo a uma pergunta dentro do Seminário Nacional dos APNs realizado em 1996⁴

“Uma diferença que eu vejo, por exemplo, em termos de horizontes é que os APNs nos anos 80 eram uma promessa, era uma busca, era uma interrogação. Considerando

²Agentes de Pastoral Negros - 10 anos - 1983-1993, ATABAQUE/ASETT e Quilombo Central, São Paulo, 1993, p.9.

³O Pe. Antônio Aparecido da Silva, falecido em dezembro de 2009, em São Paulo, foi um dos fundadores, primeiro presidente dos APNs e uma das principais lideranças negras brasileira, sobretudo no âmbito eclesial.

⁴Este Seminário Nacional teve lugar na cidade de Goiânia, no período de 29 a 30 de março de 1996, e teve como tema APNs rumo ao Terceiro Milênio. Neste seminário foram apresentadas a realidade dos APNs em todo o Brasil e sua interlocução com a sociedade e as igrejas, além da construção de um plano de ação para a atuação dos APNs em todo o território nacional e que orientaria seus membros rumo ao século XXI.

momentos fortes da história, a presença dos negros e também o papel dos APNs em termos de tirar da clandestinidade a temática do negro e trazê-la para o debate, para a discussão. Eu acho que a diferença é que hoje é uma realidade, não uma promessa, é uma presença, é um trabalho, é um interlocutor. Agora, por isso mesmo, que eu acho que a estratégia do tempo que você é uma promessa, para a estratégia de quando você é um interlocutor, ela tem que ser [...] um pouco diferente. No princípio, quando você é uma promessa é necessário ter determinadas atitudes, mas depois é preciso não ter medo de ocupar espaços”.

E nas palavras de Mário Dominges Mendes⁵ neste mesmo seminário:

[...] o que estava acontecendo com os APNs na década de 80 não foi o início, mas a continuidade no sentido da descoberta da negritude, de afirmação da identidade negra, e isso levou a todos um trabalho de animação no sentido da organização. Tudo o que aconteceu na década de 80, para mim continua acontecendo agora. Na década de 90, nós temos algo mais concreto, isto é, [...] se manifesta através de trabalho. É com se estivéssemos construindo uma casa. Então se trabalha o alicerce para sustentar esta casa e também a cobertura. Hoje, na década de 90, o que esta acontecendo? Nós temos pessoas que trabalhando o teto, no sentido da cobertura, mas ao mesmo tempo não podemos esquecer deste alicerce, porque temos novos companheiros que precisam fazer parte desta cobertura”.

Para o movimento negro, se na década de 80 se caracterizou pelo discurso e a denúncia da discriminação racial sofrida pela população negra e junto o acento na necessidade de afirmação da identidade e da consciência negra, percebeu-se que somente isto não bastava para o enfrentamento da problemática racial na sociedade brasileira. O grande desafio colocado para o movimento negro brasileiro estava em dar uma resposta propositiva ao drama vivido pela população negra.

O terceiro momento dos APNs se dá ao longo da década de 90, período bastante desafiador para os APNs, principalmente diante das transformações e mudanças ocorridas no mundo, particularmente com a ampliação da exclusão via a implantação do projeto neoliberal associado ao processo de globalização, que atingiu a sociedade brasileira e exigiu da sociedade civil e do movimento negro novas estratégias de intervenção.

Nas últimas décadas do século XX e nesta primeira década do século XXI devemos reconhecer que o movimento negro alcançou grande expressividade no cenário político contemporâneo pautando a sua luta em prol de reparações e de políticas de ações afirmativas para a população negra no Brasil.

A introdução pelo movimento negro, na agenda da luta contra o racismo no Brasil, da questão das ações afirmativas, entendida como uma modalidade de políticas públicas, o que se tornou mais forte a

⁵ Mario Domingos Mendes é africano da Guiné Bissau, radicado no Brasil desde a década de 70, foi o primeiro leigo a assumir a presidência dos APNs no período entre 1993 a 1995, exercendo em dois mandatos seguintes o cargo de tesoureiro nacional. Atualmente vive na cidade de Bauru, no Estado de São Paulo.

partir de alguns acontecimentos políticos como a Conferência Mundial contra o Racismo realizada em 2001 na África do Sul, as duas Conferências Nacional de Promoção da Igualdade Racial e a Marcha Zumbi +10, ocorridas em 2005, promoveram o aprofundamento sobre combate à desigualdade racial e o racismo no Brasil.

Neste cenário político, que requer a construção de um novo marco para as relações raciais no Brasil no século XXI, não faltam as reações e a oposição dos setores mais conservadores. Não podemos deixar de lado os fortes ataques da mídia, controlada por setores conservadores, contra as comunidades quilombolas, que de forma legítima lutam pela titulação de suas terras, e nas discussões sobre as cotas como uma das modalidades das ações afirmativas.

Neste cenário construído pela força política do movimento negro, a sociedade brasileira não tem mais como fugir e não tem como negar a necessidade de construção de políticas afirmativas no âmbito do Estado Brasileiro, que de fato possam promover oportunidades iguais para todos e o combate à desigualdade racial e alterar este quadro que se mantém há 120 anos.

Neste novo contexto da luta contra o racismo e as desigualdades raciais, instalado no país nos últimos anos, temos que considerar que os Agentes de Pastoral Negros têm atuado efetivamente como protagonistas. Lembramos que hoje estamos num momento político diferente daquele da década de 80 e 90, período em que os APNs nasceram e se estruturaram. Vivemos um momento que requer o fortalecimento das organizações da sociedade civil, particularmente das envolvidas na luta contra o racismo.

Os APNs se encontram, portanto, diante da necessidade de fortalecer a articulação nacional, procurando para isso fortalecer e pensar novas formas de intervenção política e social e caminhar no sentido de atuar no controle social das políticas, de modo a contribuir efetivamente para a mudança do quadro de desigualdade racial no país.

No momento presente, os Agentes de Pastoral Negros, apesar dos fluxos e refluxos internos, são desafiados a pensar a sua articulação, a administração das atividades e ações desenvolvidas pelos diversos núcleos nas diferentes regiões do país. Nesta perspectiva, é preciso aprimorar a articulação, rever e construir novas estratégias de ação, investir na formação, na capacitação e no assessoramento dos grupos e lideranças, de modo a promover uma maior qualificação das ações e projetos desenvolvidos pela entidade nos diversos mocambos e nas intervenções políticas. Considerando as dimensões territoriais do Brasil é necessário construir mecanismos e estratégia mais eficientes de comunicação, particularmente neste contexto em que as novas ferramentas de comunicação, como internet, têm facilitado o processo de articulação e mobilização das organizações sociais e circulação das informações em todo o mundo. Entendemos que dentre os diversos desafios também está a necessidade do fortalecimento institucional, afim de garantir uma efetiva e qualificada intervenção das lideranças APNs.

Os APNs são hoje uma realidade e, portanto, uma organização que cresceu e que se consolidou em muitos espaços, mas os novos rumos e caminhos a serem trilhados devem centrados numa perspectiva coletiva e comunitária.

Por último, acreditamos que a construção de novas perspectivas

Caminho dos Agentes de Pastoral Negros do Brasil: Para além da história

deve ser pensada não só à luz da atual conjuntura, mas, também, considerando a memória e a história, pois luta vem longe e esta luta não pode parar.

ASSIM NASCEMOS

As lutas de libertação desenvolvidas nas comunidades eclesiais de base e nos movimento sociais das décadas de 70 e 80 e tomada de consciência dos direitos dos empobrecidos fez perceber a negação dos direitos dos negros por motivos étnico-culturais. A partir dessa consciência um grupo de negros e negras propõe uma reflexão a respeito do racismo e da discriminação nas igrejas e na sociedade.

Entre os anos de 1979 e 1982 aconteceram os primeiros encontros de negros e negras motivados pela fé, que inicialmente formaram um grupo com a função de preparar um subsídio sobre a situação dos afro-brasileiros os bispos brasileiros da Conferencia Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) delegados à Conferência de Puebla, que se realizou em 1979, que a partir deste período toma um novo rumo: tornar-se espaço de organização para os negros e negras refletirem sobre sua realidade à luz da fé.

⁶Preocupados com a descoberta da negritude confrontada com a militância eclesial, nasce um novo ardor, um novo alento que vai impulsionar a dinâmica da ação de muitos agentes de pastorais, animadores das comunidades de base. O modo como se organizou, a força dos participantes, e o empenho pela causa negra fizeram dos Agentes de Pastoral Negros a maior entidade negra do país na década 80.

Com o Vaticano II e depois dele, nas conferências latino-americanas de bispos e de religiosos, a Igreja se sente provocada a rever sua postura frente à teologia, a moral e a cultura afro, buscando um novo caminho

de intervenção que o próprio momento exigia como uma posição política e profética.

⁷Esse movimento alimentado pelo Concílio Vaticano II e pelas leituras acerca da Teologia da Libertação e das preocupações específicas sobre a negritude, permitiu que tivessem uma maior visibilidade no seio da hierarquia católica sem perderem o viço sociopolítico e econômico.

Deste contexto particular nasce a organização dos Agentes de Pastoral Negros (APNs), que teve a sua fundação em 14 de março de 1983, na cidade de São Paulo.

⁶ José Geraldo da Rocha, Teologia e Negritude p. 41

⁷ José Fonseca, Dagoberto Vaticano II, embrião do movimento negro

CONSTRUINDO OS ALICERCES

Embora todos nós sabemos que a década de 70 foi determinante para as lutas sócias, ela foi marcante também para o ressurgimento do movimento negro brasileiro no contexto das lutas sociais, com o lançamento do primeiro número de Cadernos Negros, o surgimento do Movimento Negro Unificado em 1980, em seguida o Grupo de União e Consciência Negra em 1981 e os Agentes de Pastoral Negros em 1983.

Podemos dizer que esta foi a época em que o movimento negro brasileiro, esteve mais organizado enquanto grupos embora nunca se conseguiu uma hegemonia dos vários grupos, faltava clareza social e política por parte do movimento, na defesa da pauta do processo de lutas raciais e até hoje não encontramos esse caminho.

Porem para nós APNs, esse foi, podemos assim dizer, um período para lançar as bases, construir os alicerces da entidade.

Como organização nacional, essa foi uma época em que os APNs surgiram em quase todo o Brasil, os grupos de bases serviam como escolas de formação e capacitação realizando grande encontros nacionais onde a comunidade percebia que a discriminação e o racismo agravava ainda mais a vida dos pobres e marginalizados e ai os negros eram provocados a ecoar um grito de clamor a partir do seu espaço de atuação ou seja as Igrejas.

Por esse motivo o Grupo União e Consciência Negra (GRUCON), que surge com o objetivo de trabalhar o processo de conscientização da

sociedade brasileira para a situação de discriminação e desvalorização da comunidade negra, passa por uma divisão interna devido as questões ideológicas e políticas, uma vez que alguns membros são mais ligados as Igrejas e que o dado da Fé tinha uma grande relevância e isso causa um desconforto visto a efetiva relação com a hierarquia da Igreja Católica principalmente, tendo em vista a sua posição em relação ao negro na história do Brasil⁸.

A retomada dos encontros acontece ainda em 1983. Agora não mais como Grupo União e Consciência Negra, mas como Agentes de Pastoral Negros.

O Surgimento do Grupo de União e Consciência Negra (GRUCONTO)

O grupo nasce em Brasília, nos dias 5, 6 e 7 de setembro de 1981, com a realização do Encontro Nacional com 60 participantes de 14 Estados do Brasil, assim distribuídos: Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Paraíba, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná, Rondônia e Espírito Santo.

O Encontro teve início na manhã do dia 05, com uma oração orientada por Dom José Maria Pires, havendo em seguida uma breve apresentação dos participantes. O passo seguinte foi uma apresentação feita por Irmã Corina, que fez um breve histórico da caminhada do Grupo, baseando-se nos relatórios dos encontros e reuniões anteriores. Logo a seguir os participantes dividiram-se em grupos para realizar os seguintes trabalhos:

1. Discutir a apresentação feita.
2. Sistematizar as experiências para serem apresentadas em plenário.
3. Apresentar proposta para o prosseguimento da caminhada dos grupos de base.

Na parte da tarde cada grupo, por estado, fez um breve relato de sua experiência na caminhada feita.

GOIÁS — Havia representantes de Goiânia, Piranha, Anápolis e Mineiros, em Goiás já existem cinco grupos funcionando. Este ano em Goiânia, houve o primeiro encontro regional, com representantes de Mineiros e Arenópolis. Neste encontro se refletiu sobre a situação do negro na cidade e na zona rural, tratando-se ainda da situação dos índios e dos direitos humanos. Deste encontro resultou as seguintes propostas:

1. Formação de uma comissão regional, com membros de cada cidade, esta comissão se reunirá de três em três meses.
2. Fundação do jornal «A Voz do Negro».
3. Estudo do rascunho de um livrinho sobre o negro, escrito em linguagem popular.
4. Organização de um grupo para angariar fundos através de festas, artesanatos, etc.
5. Procurar sempre mais amplo apoio dos movimentos populares: Sindicatos, grupos de base, etc.
6. Continuar formando outros grupos de negros e, através da comissão regional, visitar os grupos já existentes.

MINAS — Havia representantes de Varginha e Unaí. O trabalho mais organizado começou a dois meses. Antes trabalhavam com grupos de capoeira.

RIO DE JANEIRO — Havia representantes da região Norte da Capital.

Cachoeira de Macacú, Nova Iguaçu, Favela do Cantagalo, e da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos.

REGIÃO NORTE DA CAPITAL: O grupo surgiu em 1980 com 8 pessoas, estudar os problemas dos negros; este grupo tem como objetivo mais importante desenvolver um trabalho nas favelas, usando a história e criando um personagem negro.

CACHOEIRA DE MACACÚ: O grupo começou com uma pessoa que participou do primeiro encontro Nacional em fevereiro de 80. O início foi difícil porque não tiveram muita receptividade. A partir da CPT (Comissão Pastoral da Terra) começou um bom trabalho.

NOVA IGUAÇU: O grupo teve início com um encontro de 40 pessoas.

Este grupo continua a se encontrar periodicamente e dele participa todo tipo de gente:

«**MARGINAL, AGENTE DO DOPS e ETC.**».

Esse grupo começou a sofrer pressões por parte de alguns padres e freiras, que alegam o perigo do divisionismo, observa-se também que quando o negro adquire um certo grau de instrução, ele começa a querer impor suas idéias e a tomar a liderança do grupo.

FAVELA DO CANTAGALO: Na favela, surgiu da própria base, principalmente das mulheres, através dos Círculos Bíblicos a reflexão sobre o problema do negro Brasileiro, 90% da população da favela é negra.

IRMANDADE DO ROSÁRIO: Esta Irmandade tem uma forte tradição histórica que os irmãos são orgulhosos em manter. Ela foi uma das tribunas do negro no passado, mas hoje não está engajada na luta pela solução dos problemas do negro no Brasil. Há também dentro da Irmandade um trabalho que começou a se desenvolver junto ao grupo feminino e que tenta dar uma maior consciência á mulher negra. Há ainda a tentativa de implantação do «Projeto Memória», para a recuperação e divulgação da história do negro brasileiro.

BANDEIRANTE: Uma das participantes da Irmandade é também membro do Bandeirantismo em nível Nacional. Sua constatação é a de que o Bandeirantismo não vai ás bases e a presença do negro aí é escassa ou quase nula.

S. PAULO – Havia representantes da capital

– Núcleos da periferia: Ermelindo Matarazzo Burgo Paulista, Vila Guarani – De um Terreiro de Umbanda, da Associação das Empregadas Domésticas, de uni trabalho de uns moradores de Cortiço e das cidades de: Cotia, ABCD, Osasco e Lins.

Os grupos existentes recebem a denominação de «Núcleos».

O conjunto de todos os núcleos formam o grupo da grande

São Paulo. Estes “Núcleos” fazem soas reuniões semanais, quinzenais ou ainda mensais – e enviam representantes às assembléias regionais que se realizam periodicamente.

ABCD: O grupo iniciou em Santo André organizando-se em torno do Negro e de seus problemas. O grupo inicial desfez-se depois de algum tempo, organizando um novo grupo, para o qual foram convidadas pessoas de igreja e de fora da Igreja. já existem grupos funcionando:

Diadema, Vila Palmares e em Mauá estão iniciando:

ERMELINDO MATARAZZO: O grupo começou após o encontro Internacional de teólogos. Antes desse grupo, já funcionava o movimento negro no bairro, a liderança encontrou dificuldade, inclusive por serem mulheres.

Constatavam que só era possível trabalhar com o negro quando ele aceita sua própria identidade e sente a discriminação. Uma das preocupações do grupo é não ter discriminação de nenhum aspecto – O importante é ser Gente. Atualmente o grupo conta com 14 elementos conscientes daquilo que querem. As reuniões são feitas em dois lugares, alternados por domingos, e a partir das experiências dos participantes dos grupos.

ASSOCIAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS: A Presidente, que é negra, falou da vergonha que têm a maioria das empregadas domésticas de se aceitarem como negras; falou ainda da discriminação que estas pessoas sofrem, não por serem domésticas mas, por serem negras.

OSASCO: O Grupo tem tini ano de caminhada; quase não se vê negros na liderança dos movimentos populares

UNS: Há um grupo que se reúne. Esse grupo é constituído de dois elementos (vicentinos) e outros espíritas. Tentam fazer tini trabalho com famílias negras, e querem manter toma caixa comum para ajudar os estudos das crianças negras.

UMBANDA: O representante falou da problemática em relação à Igreja que continua marginalizando, com poucas exceções, os cultos Afro-Brasileiros.

COTIA: O representante faz um trabalho na faculdade, com grupos de estudantes. Acha que nenhum grupo pode girar em torno de si mesmo deve descentralizar-se, expandir-se.

MORADORES EM CORTIÇOS: Em geral não estão despertados para a problemática do negro. Os negros que aí estão, de um modo geral, não se aceitam como tais. Alguns núcleos organizaram um trabalho com famílias negras, principalmente com as mães, para um processo de conscientização na educação dos filhos, com vista a aceitarem, já, desde criança, sua própria negritude.

BRASILIA: Havia representantes do Plano Ppiloto e de Sobradinho. O grupo teve início em 1980; as reuniões são quinzenais e os assuntos até agora abordados foram os seguintes: troca de experiências, problema do negro no dia-a-dia, leitura e comentário de livros, revistas, e jornais. Estas reuniões são complementadas por seminário, que tratam os seguintes assuntos: Escravidão, o Negro e a Educação no Brasil, a Igreja

e o Negro, Sistema e Governo, Opção preferencial pelos pobres, etc. Em termos de trabalhos práticos, constata-se: contatos com outras organizações e com a periferia. Tem-se como meta organizar um trabalho com as bases. O grupo é ecumênico.

PARAÍBA - Havia participantes apenas de João Pessoa. O grupo teve início em 80 com quatro pessoas que iniciaram a discussão. Numa segunda reunião, já mais ampla, o grupo decidiu participar do lançamento do livro de Abdias do Nascimento; fazer um almoço africano. Este ano, um elemento do grupo visitou duas comunidades negras e houve ainda um casamento com um culto adaptado à cultura afro-Brasileira. Há um grupo na universidade, que se reúne semanalmente.

MARANHÃO - O representante, de São Luiz, é um religioso Jesuíta que milita no Centro de Cultura Negra; trabalha com duas comunidades onde a maioria das pessoas é negra e é constituída de subempregados, peões, empregadas domésticas, etc. Há uma tentativa de unir os negros do centro e da periferia para uma caminhada comum. Já houve o primeiro encontro reunindo 11 agentes de Pastoral negros que se propuseram iniciar um trabalho de formação de grupos.

BAHIA — Havia representantes de Salvador. Sempre que necessário e possível, serão assessorados por estudiosos da cultura afro-brasileira, negros e não negros. Há um trabalho em arem-bepe e também com afoxés e blocos carnavalescos negros. No mês de maio, a partir de invocações à Nossa Senhora, discutiu-se, nos grupos, a problemática do negro.

M. GROSSO — Havia representante de São Felix do Araguaia.

Existem vários grupos organizados. Uns participam bem, outros querem esconder sua raça. A Problemática do negro já foi levada para o Sindicato e na organização das festas e celebrações da Igreja este assunto é também abordado. Nos grupos discutiu-se muito também a problemática política do momento.

SANTA CATARINA — Havia um representante de Florianópolis. Há um trabalho no morro do Mocotó, onde já se começou a perceber que a maioria da população aí é negra. No início o enfoque foi sobre o **HOMEM OPRIMIDO**. Dos grupos participantes há várias pessoas de credos diferentes; este grupo é bem aberto. O maior desafio é a tentativa de conscientizar os Padres.

R. GRANDE DO SUL — Havia um representante, estudante luterano, participante do grupo de negros em Porto Alegre. Este grupo é ecumênico, O grupo constatou que na igreja Luterana do Brasil 80% dos pastores são brancos: enquanto que na África a maioria dos Pastores é negra.

RONDÔNIA — Havia representante de Ji-Para-ná. Há pouco tempo, começou um grupo com três pessoas, mas a problemática do grupo de negros já vinha sendo abordada através da pastoral da saúde. O grupo conta com a ajuda dos padres Colombianos. A situação do negro em Rondônia é bem diferente da situação do negro do Sul e no Nordeste. As mulheres não trabalham fora, o que torna a problemática parecida à dos grandes centros Urbanos.

PARANÁ: tias representantes de Curitiba. O grupo começou há um ano, com 14 pessoas que, no momento, estão reduzidas. A maior

dificuldade é arranjar local para as reuniões que estão sendo realizadas nas casas das famílias. Está sendo programado um curso sobre ritos Afro-Brasileiros, com objetivo de conscientizar sobre a problemática negra.

ESPÍRITO SANTO — Havia representantes de Vitória, Caraciaba, e Campo Grande, O grupo ainda está na fase de conhecimento e formação de pessoas para trabalhar no movimento negro. O atual objetivo é formar grupos de reflexão. Há dificuldades e rejeição por parte de muitos negros.

Terminada esta primeira parte de apresentação da caminhada dos vários grupos, houve, no dia seguinte, uma reflexão, por D. José Maria Pires, sobre «A IGREJA E O NEGRO», finda a qual foi aberto o debate. Os pontos mais abordados pelos participantes foram: — O envolvimento da Igreja com a escravidão.

— Posicionamento da Igreja em relação aos cultos afro-brasileiros.

— Possibilidade de a liturgia católica integrar elementos da cultura africana etc.

A terceira parte (Terceiro dia) teve como coletivo:

— Fazer o levantamento das propostas que já haviam aparecido nas etapas anteriores.

Apresentar as propostas que haviam sido trazidas das bases que ainda não tinham sido apresentadas, e ainda refletir sobre o resumo

histórico do grupo a partir de setembro de 78. Após a discussão e aprofundamento nos grupos, as propostas aprovadas foram as seguintes:

1. NOME DO GRUPO: Aprovado com 42 votos a favor, 8 contra e 10 abstenções; o nome: «GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA».

Decidiu-se ainda que não usaria siglas, mas somente o nome por extenso.

2. COMISSÃO CENTRAL: Após os esclarecimentos sobre a comissão central, esta foi colocada no início do encontro.

Sendo colocado no quadro de giz os nomes que compõem esta comissão, confirmou-se as funções da mesma, assim descritas:

– Programar encontros e reuniões – Escutar as bases – Reunir os grupos e articulá-los entre si Fazer circular notícias – Servir como elo de união e fator de conscientização dos negros

Estar atento para que não haja vinculação do grupo a nenhum partido político.

– Definiu-se ainda como cargos específicos dentro da comissão a Secretária Executiva e Relações Públicas, sendo confirmadas nos mesmos, respectivamente, Ir. Corina e Elvira.

Foi ainda decisão da assembléia: Manter a atual comissão, acrescentando mais um representante do nordeste, um de Minas Gerais, um da

Igreja Luterana e uni da Umbanda. Estes novos membros deverão ser eleitos nas respectivas bases, como vem sendo feito desde o início.

3. DIVISÃO DO «GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA» EM 3 REGIONAIS: NORTE, CENTRO E SUL.

A assembléia decidiu que este assunto deverá ser discutido e aprofundado nas bases.

4. MISSA DOS QUILOMBOS E DIA DE ZUMBI: Decidiu-se que o grupo como tal não enviará representante á Missa dos Quilombos a ser celebrada em Palmares e em Recife por ocasião da comemoração do Dia Nacional da Consciência Negra ou dia de Zumbi. Cada grupo, usando sua criatividade, deverá preparar este dia – 20 de novembro – com objetivo de promover maior união dos grupos entre si e melhor conscientizar a todos da problemática atual do negro. Coube á comissão central a incumbência de preparar uni cartaz com o retrato de Zumbi e as seguintes frases: «ZUMBI, HERÓI DA RESISTÊNCIA NEGRA – GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA 20 DE NOVEMBRO DE 1981».

5. ENCONTRO NACIONAL DE 1982: Fixou-se a data e o local – 5 a 7 de setembro de 1982 na Baixada Fluminense. O grupo de Nova Iguaçu se responsabilizará pela organização deste Encontro, cabendo á comissão central decidir sobre o número de participantes e providenciar verba para as despesas de passagens, hospedagens e material de secretaria.

6. SUBSIDIO PARA ESTUDO E REFLEXÃO DOS GRUPOS:

Elaboração de um livrinho sobre o negro. Esta elaboração será assumida pela FNT – Frente Nacional do Trabalho em quatro fascículos:

– História do Negro no Brasil e as diversas formas de sua resistência.

– Depoimento de pessoas que conheceram a escravidão.

– As tentativas de embranquecimento. – As atuais organizações de resistência do negro brasileiro.

O grupo de São Paulo comprometeu-se a preparar e enviar às bases, para estudo e apreciação, uni anteprojeto deste livrinho antes da primeira edição.

6.1. BOLETIM: Decidiu-se fazer um boletim, que será enviado às bases que o estudarão e enviarão críticas e sugestões com vista á elaboração dos próximos números. Decidiu-se fazer uni boletim, receberá o nome de Boletim do **GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA**» e terá como Objetivos:

– Informar sobre o grupo.

– Publicar os objetivos e a caminhada do grupo.

– Relatar sobre os contatos entre outras instituições, um vocabulário do grupo e Divulgação afro-brasileiro.

6.2. REVISTA DO CET: O primeiro número deverá sair em novembro.

6.3. CRIAÇÃO DE UMA COMISSÃO CULTURAL: Com os seguintes objetivos:

- Fornecer subsídios aos grupos de base;
- Estudar e divulgar entre os grupos de base a história do negro e de sua resistência á escravidão.
- Pesquisar e remeter aos grupos de base a realidade do negro brasileiro hoje: situação sócio-econômica, cultural, violência contra o negro, grupos de resistência e reflexão, etc.

7. TENTATIVA DE SISTEMATIZAÇÃO: foi pedido á comissão central que, baseando-se na caminhada já feita pelos diversos grupos, elaborasse um trabalho sistematizado, enviando-o ás bases, com o objetivo de deixar bem claros os seguintes pontos:

- Objetivos do «Grupo de União e Consciência Negra»;
- Atividades que podem e devem ser desenvolvidas pelos grupos.
- Funções da Comissão Central.
- Princípios que devem nortear a caminhada dos grupos.

8. CONTATO COM A LINHA II DA CNBB: foi consenso unânime da assembléia que se mantenha o vínculo que nos une à Linha II da CNBB. Decidiu-se que a comissão central manterá um encontro ainda este ano com Dom Âímelo Frosi a flui de mantê-lo a par da caminhada do grupo em geral e em especial do que foi refletido e decidido neste Encontro Nacional.

9. LITURGIA: Foi consenso da assembléia que se começasse a tentativa de introduzir nas celebrações religiosas valores autenticamente africanos de expressão religiosa, tais como: atabaque, canções de ritmo africano, danças, etc. Para isso foi sugerido a criação de um grupo de trabalho que pesquise e elabore subsídios de celebrações litúrgicas com expressão afro-brasileira.

10. PRINCIPIOS: Por insistência do plenário foram elaborados alguns princípios que devem nortear a caminhada do grupo como tal:

Os grupos devem ter como objetivo principal a união dos negros e sua conscientização. — Devem ser formados a partir do dado da raça, e não do credo ou da ideologia político-partidária. — Ao manterem contatos com os cultos afro-brasileiros devem fazê-lo com respeito e não trazer as pessoas que frequentam esses cultos para os grupos como objeto de folclore.

Devem lutar ao lado de outras movimentos populares: sindicatos, associações de empregada doméstica, associação de bairros, clubes de mães, associações rurais, CEBS, CPT, CPO, programas de saúde, etc.

Os que estão ligados à Igreja devem continuar a encontrar-se para

ver a situação do negro a partir do dado da fé dentro da luta do povo. Devem ainda fazer contato com outros grupos além de suas reuniões ordinárias.

Sempre que necessário e possível, serão assessorados por estudiosos da cultura afro-brasileira, negros e não negros.

Num trabalho final cinco assuntos foram abordados e debatidos em pequenos grupos, que apre-sentaram as seguintes sugestões, aprovadas em plenário:

1. SUBSIDIO, ESTUDOS, FORMAÇÃO

– Organização e apresentação de teatro, poesia, recreação, organização, danças, capoeira, jograis, etc.

– Visando a campanha da Fraternidade de 1982 – **EDUCAÇÃO PARA TODOS**. Fazer uma pesquisa da realidade do negro frente á escola: discriminação, não acesso aos cursos superiores, conscientização da comunidade sobre o problema. etc.

– 1982, fazer uma pesquisa sobre a violência contra o negro, visando a Campanha da Fraternidade de 1983.

– Confronto entre o **ONTEM** e o **HOJE**: fazer uma crítica histórica da realidade passada, procurando ver hoje quais as injustiças que continuam a ser praticadas. Deve-se usar como meios para isto imagens objetivas que levem à compreensão da realidade e a ter Lima visão crítica frente à ideologia reinante, a partir da realidade negra.

– Penetrar na realidade local dos cultos afro-brasileiros compartilhando e ouvindo membros das diversas religiões: candomblés, umbandas, macumba, procurando-se descobrir a negritude destes gestos
– Trabalhar com criança negra – ela é bonita, tem valor, é importante visando uma educação para que esta criança se aceite como é. Conscientizar famílias e professores sobre o assunto.

– Trabalhos com as famílias negras através de visitas, bate-papo, etc.

– Troca de Experiência e maior comunicação entre os grupos de base.

– Pista para a abordagem do problema do negro:

1. Sondagem, bate-papo;

2. Amizade: conhecer pessoas do local onde se vai trabalhar.

3. Estudar a melhor maneira e oportunidade de formar grupos – de preferência famílias negras.

4. Aproveitar de todas as oportunidades para divulgar o trabalho do grupo.

2. PROBLEMA POLÍTICO DOS GRUPOS NEGROS: RAÇA E CLASSE

Violência e medo da repressão: sabendo do fato, solidarizar-se

através de telegrama, denúncia nos jornais, etc. Orientar os negros para que tirem documentos. Fazer a Igreja comprometer-se, usando sua influência na defesa dos negros violentados na Sociedade.

– Documentar com recortes de jornais, revistas, etc, as violências contra o negro, levando ao conhecimento do grupo de reflexão. O negro favelado que vem da zona rural: dar ênfase à cultura rural como o primeiro momento de ajuda para que essa mudança para o meio urbano seja menos violenta e garanta a conscientização e a luta do negro.

3. PROBLEMA POLÍTICO DO GRUPO DE UNIÃO E CONSCIÊNCIA NEGRA

– Há uma necessidade urgente de se refletir nos grupos as eleições, os partidos políticos.

– Estudar a organização da atual conjuntura política.

– Ajudar os grupos a entenderem o que é partido político de oposição.

– Compreender que ação política não se reduz ao partidarismo.

– Orientar os companheiros para que não votem nos opressores do povo.

Não fazer movimento negro desvinculado das lutas populares. Ter cuidado de não perder o elemento raça.

– Pertencer ao grupo Negro não impede a militância em partidos políticos. O Grupo deve ajudar e questionar esta militância.

4. FÉ AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

– Acentuar nos grupos um ecumenismo real, onde cada um possa manifestar uma fé com liberdade e respeito mútuo.

– Conhecer a caminhada histórica das irmandades e sensibilizar seus membros à reflexão sobre a problemática do negro, hoje.

– Fazer celebrações com elementos afro-brasileiros.

– Aproveitar os instrumentos, as expressões corporais, como um elemento de conscientização das pessoas para que se crie uma liturgia que respeite a cultura negra.

– Procurar conhecer com largueza de espírito os valores dos cultos afro-brasileiros Fazer uma crítica severa aos livros de catequese e suas imagens alienantes e tendenciosas.

– Leitura do êxodo para refletir sobre a problemática negra.

– A partir de um fundamento bíblico, mostrar a igualdade dos homens perante Deus.

– Os Pais devem educar os filhos com vistas a que estes aceitem sua própria identidade.

5. FINANÇAS

- Como as bases se organizarão financeiramente?
- Venda de artesanatos típicos da raça negra.
- Promoção de festas com vendas de comidas típicas, cobranças de ingressos etc.

No decorrer do encontro ficou pendente uma sugestão que não foi devidamente amadurecida, devendo ser aprofundada nos grupos de base, que a enriquecerão com propostas mais concretas. Esta sugestão é a seguinte: «Cobrar do Estado unia Indenização por todo o processo de escravidão sofrido por nossos antepassados».

AVALIAÇÃO

Na avaliação ficou constatado o seguinte: — O método foi bom, favorecendo a participação e dando margem a que fossem abordados os assuntos programados, havendo uni processo de crescimento. Houve excesso de intervenções faltando algum momento esclarecimentos solicitados, havendo igualmente momento de rigidez da coordenação e não distribuição de funções, com alguns desequilíbrios, agressões, fraquezas. — Conteúdo bom, proposta ótima, enriquecedora. Todavia inove em certo momento falta de direção; algumas pessoas abusaram do uso da palavra e outros não expressaram por timidez. O tempo foi bem aproveitado, embora não se tenha deixado espaço para a leitura do relatório e algumas vezes discutidos assuntos não importantes.

– Local muito bom, acolhedor e disponível. Participação excelente, embora alguns são também preparado nas bases, o que dificultou o enriquecimento nos debates e reflexões

Alguns momentos de festividades nos plená-rios, alguma dificuldade no entrosamento entre pessoas e grupos. Organização boa, faltando todavia mais horário para animação e recreação faltou também recepção na rodoviária. Houve certo radicalismo na maneira de se refletir a Igreja e na recepção a um estudioso não negro no Encontro. Os participantes luteranos e de Umbanda não tiveram espaço para falar sobre seus trabalhos. Em alguns momentos a linguagem não foi popular.

A retomada dos encontros acontece ainda em 1983. Agora não mais como Grupo União e Consciência Negra, mas como Agentes de Pastoral Negros.da

O Primeiro Encontro 14 e 15 de março de 1983

Na primeira ocasião que se reuniram a nível nacional como APNs, estiveram presentes setenta participantes e tinha por tema: A realidade vivida pelos negros e sua participação na Igreja do Brasil. Neste encontro participaram padres, religiosos, já envolvidos com a questão da negritude.

O Segundo Encontro 6 e 7 de setembro de 1983

Este aconteceu no mesmo ano de 1983. Desta vez na Igreja Imaculada Conceição, dos Capuchinhos, em São Paulo, neste o número ultrapassou a cem. Alguns pontos que mereceram destaque neste encontro foram: a orientação dos Agentes de Pastoral Negros, para para que estes, conjuntamente com seus irmãos negros, pudessem trabalhar a sua libertação; o tratamento dispensado ao Candomblé, sobretudo, no que diz respeito à noção de salvação. É importante que se diga, neste instante inicial da caminhada, nos Agentes de Pastoral Negros, existia um grande desconhecimento das Religiões Afro-brasileiras.

A preocupação fundamental neste encontro foi de orientação para uma ação solidária entre os negros. O dado das religiões não poderiam ser mais um fator de divisão, enfraquecimento dos negros nas lutas de combate ao racismo e à discriminação.

⁸ Rocha, José Geraldo - Teologia e Negritude

O Terceiro Encontro 30 de Abril e 1 de maio de 1984

O número de participantes aumentava sensivelmente a cada encontro que acontecia. No terceiro encontro estimava-se um número em torno de cento e cinquenta participantes. Uma variedade de temas que envolviam a vida da comunidade negra foram pontos de debates: “O negro e o sistema educacional Brasileiro; Família negra e sua importância na educação das crianças”.

O Quarto Encontro de 7 a 9 de setembro de 1984

O objetivo foi introduzir os novos APNs na dinâmica da entidade e fazer uma reflexão em forma de painel sobre a crise econômica do Brasil e o negro, a realidade do menor negro e da mulher negra no meio popular.

O Quinto e o Sexto Encontro de 4 e 5 de maio e de 11 a 16 de setembro de 1985

Estes dois encontros destinavam-se basicamente a celebrar a caminhada dos APNs, tendo em vista que já adquiria características nacional e se multiplicava em grupos de base. Neste ano foi criado o Quilombo Central, a secretaria nacional com nome de “Equipe Central”, cuja função era animar, coordenar e administrar as ações dos APNs pelo Brasil.

É importante ressaltar que o Brasil estava voltado para as questões da Constituinte e os APNs não ficaram de fora desse debate aproveitando a ocasião para tornar o tema central do quinto encontro que reunia

mais de 250 participantes em linhas de ação concreta de efetivar a participação dos APNs no processo da Constituição Federal.

O Sétimo Encontro 19 e 20 de abril de 1986

Este encontro reuniu entre os membros das Igrejas Cristãs participantes das religiões Afros em torno de temas da atualidade como Negro e a Terra; Os Mártires da Caminhada e a Identidade dos APNs.

O Oitavo Encontro 25 e 26 de setembro de 1986

A pauta principal era a organização da Campanha da Fraternidade sobre o negro. Após muitos debates e reflexões os APNs elegeram como tema “Negro um clamor de justiça”. O que a cúpula da Igreja não aceitaria e mais tarde após muitos debates se chegou a um tema comum, porém não o desejado.

O movimento negro se organizava para fazer grandes protestos nas atividades oficiais que o Governo da época preparava em celebração ao Centenário da Abolição.

O Nono Encontro de 31 junho a 2 de julho de 1987

Ao aproximar o Centenário da Abolição que foi celebrado em 1988, os APNs intensificavam suas bases em vista da Campanha da Fraternidade da CNBB, foi um ano em que a causa do negro tomou forma e foi debatido por muitos seguimentos da sociedade inclusive a Igreja.

O Décimo Encontro de 1 a 3 de julho de 1988
“Ouvi o Clamor deste povo”

Era o grande ano da celebração do Centenário da Abolição e a CNBB elegeu como tema central da sua Campanha anual a questão do negro **“Ouvi o Clamor deste povo”** embora o tema não trazia o “negro” como destacou o conteúdo do texto base, as letras dos cantos e até mesmo as celebrações davam ênfase ao negro e as suas angústias e dores.

A Arquidiocese do Rio de Janeiro, então governada pelo Cardeal Arcebispo Dom Eugênio de Araujo Sales, de forma discriminatória achou por bem fazer uma campanha própria com outro tema.

Já o Cardeal Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, não só apoiava as questões dos negros como era um dos principais líderes da Igreja a nos apoiar e incentivar a continuar na *Luta* da nossas causas e na *Conscientização* do ser negro e a manter a *Fé* como um dos alicerces da nossa caminhada. Naquele memorável encontro de aproximadamente quinhentas pessoas o arcebispo fez questão de estar presente.

Em setembro do mesmo ano os APNs se reuniram em Curitiba, para uma assembléia Nacional, afim de aprovar o estatuto e fundar o Quilombo Central e eleger sua primeira diretoria.

ZUMBI: POLÍTICA E CARNAVAL SE INSPIRAM NA HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA NEGRA

*Manifesto do Dia Nacional
da Consciência Negra (1988)^o:*

Nós, negros brasileiros, orgulhosos por descendermos de Zumbi, líder da República Negra de Palmares, que existiu no Estado de Alagoas, de 1595 a 1695, desafiando o domínio português e até holandês, nos reunimos hoje, após 283 anos, para declarar a todopovo brasileiro nossa verdadeira e efetiva data: 20 de novembro, **DIA NACIONAL DA CONSCIÊNCIA NEGRA**. Dia da morte do grande líder nacional, ZUMBI, responsável pela primeira e única tentativa brasileira de estabelecer uma sociedade democrática, ou seja, livre e em que todos – negros, índios e brancos – realizassem um grande avanço político e social.

Tentativa esta que sempre esteve presente em todos os quilombos.” No carnaval de 1988 a escola de samba Estação Primeira de Mangueira apresentou um samba-enredo que traduzia o sentimento de perplexidade entre os negros diante da permanência da opressão racial, cem anos depois da abolição.

Depois do centenário da Abolição, diversos grupos do movimento negro passaram a incorporar o 13 de Maio ao calendário das discussões sobre racismo no Brasil. Já o 20 de Novembro, data da morte de Zumbi de Palmares, foi

instituído como Dia Nacional da Consciência Negra. O uso enfático do termo negro, em detrimento das palavras mestiço ou mulato, nos muitos eventos relativos àquele centenário foi um indicativo do redimensionamento da questão racial no Brasil.

O Décimo Primeiro Encontro de 2 a 4 de junho de 1989

O tema desse encontro foi “Identidade dos APNs a nível nacional e o projeto mulher negra”. O os APNs começam aqui a se preocupar com um projeto político e a participação da mulher nesse processo. Ela sempre teve um papel de soberania e resistência na história do povo negro.

O Décimo Segundo Encontro 30 de junho e 1 de julho de 1990

O tema de estudo foi o “Projeto Político dos APNs” na perspectiva da participação da negritude na reestruturação da sociedade e da política nacional de modo a interferir na sociedade, na cultura, na economia, na política a partir do ser negro e cidadão da história do País.

O Ano de 1991 (O PRIMEIRO ENEN)

Ao longo de todo o ano de 91 os APNs se dedicaram de forma intensa e presente nas articulações e construção do Primeiro Encontro

⁹ Uma história do negro no Brasil pg. 298

Nacional de Entidades Negras. O Quilombo Central foi a sede administrativa do ENEN, onde as lideranças se reuniam frequentemente para organizar o encontro que aconteceu de 14 a 17 de novembro no Ginásio do Pacaembu em São Paulo.

O Décimo Terceiro Encontro 9 e 10 de outubro de 1993

A celebração dos Dez Anos de fundação da entidade embora se caracterizava num momento festivo não se podia perder de foco as grandes questões sociais do momento e a nova ordem mundial nas lutas da comunidade negra.

Destaca-se aqui a participação importante que o Pe. Toninho teve no nascimento dos APNs bem como ao longo de sua história na afirmação de uma entidade negra e na descoberta de sua própria identidade de entidade nacional com um diferencial que é o dado da Fé e da Luta Social.

Neste encontro Pe. Toninho fez uma retrospectiva dos vários encontros até ali realizados bem como os desafios impostos dez anos depois.

Com o seu desaparecimento em dezembro de 2009, ficou uma grande lacuna na história dos APNs e do momento negro brasileiro, mas os ensinamentos deste grande malungo, foi a escola de muitos que ainda ficaram para ensinar os novos a perpetuar na história as memórias que ele trazia sempre nos encontros dos APNs.

O Décimo Quarto Encontro 13 a 16 de julho de 1995

O Movimento Negro no Brasil, sempre valorizou os heróis da resistência negra. O maior deles foi e é até a atualidade Zumbi dos Palmares, ele sempre foi o marco de luta e de exemplo a ser seguido pelos negros brasileiros. A grande manifestação de Fé e Luta vivido pelos APNs ao longo de sua história foi sem dúvida, testemunhada por muitos APNs até hoje, a grande subida a Serra da Barriga, uma caravana vinda dos diversos rincões do Brasil, chegou em três vagões de trem a estação central de União dos Palmares, no interior de Alagoas a 80 km de Maceió, e munidos de tochas acesas um grupo de trezentos negros e negras, jovens e idosos, passaram a noite caminhando sob forte chuva rumo ao Quilombo de Palmares para ali celebrar os Trezentos Anos da morte de Zumbi.

Em dezembro de 2009 eu pude, carregado de emoção, fazer essa rica experiência de pisar o solo sagrado do Quilombo de Palmares e sentir nos ares da Serra o verdadeiro “Sonho de Liberdade” e a reafirmação do ser negro e renovar o meu pertencimento aos Agentes de Pastoral Negros.

O FIM DE UM PROCESSO HISTÓRICO

A subida à Serra da Barriga marcou o fim de um ciclo na vida dos APNs, que eram os grandes encontros temáticos, cursos de aprofundamento das questões raciais e sociais vividas naqueles duros anos de redemocratização do país onde os APNs tiveram uma grande participação.

De 1996 até os dias de hoje a entidade passou a realizar alguns seminários e as assembléias nacionais para decidir a vida e as linhas de ação da entidade.

Em 1996 em Goiânia aconteceu o Seminário Nacional para construir as linhas de ação e o rosto dos APNs e em Vitória uma assembléia nacional com o tema: APNs rumo ao Terceiro Milênio.

Em 1997 é convocada uma Assembléia Extraordinária que aconteceu em São Luiz, para reforma do Estatuto Social e elaboração do regimento interno.

Essa Assembléia marca uma nova forma de direção na entidade com uma coordenação de cinco pessoas eleitas a cada dois anos.

No mesmo ano em Belo Horizonte, os APNs realizam um encontro com o tema: Educar para libertar.

Em 1998 São Paulo foi o palco de celebração dos 15 Anos de fundação dos APNs e a Assembléia da nova Direção Nacional.

Em 1999 de volta a Goiânia é realizada nova assembléia eletiva.

Em 2000 a entidade passa por uma profunda avaliação de sua participação na Coordenação Nacional de Entidades Negras (CONEN) e toma a decisão de sair do Fórum que ajudou por muitos anos a animar a caminhada política das entidades nacionais do Movimento Negro no Brasil.

Em 2001 de volta a Belo Horizonte os APNs se reúnem para elaborar o Plano de Ação Nacional e as Diretrizes para o Biênio 2001/2003 e a participação dos APNs na III Conferência Mundial Contra o Racismo, na África do Sul.

Os APNs, participaram de forma direta no processo de preparação realizando seminários, debates e contribuindo em atividades em todos os Estados onde atuava e se fez presente com dois delegados em Durban, local da Conferência.

Em 2002 a entidade se encontra em Salvador para uma assembléia Extraordinária para avaliação do Plano de Ação e a realização do IV Encontro Nacional de mulheres APNs.

Em 2003 em São Paulo é eleita a nova Coordenação Nacional.

Em 2004 em Brasília, é realizada uma reunião nacional com o objetivo de avaliar as políticas de Estado para o povo negro, durante a realização do Seminário de Segurança Alimentar e população negra idealizado pelo CONSEA.

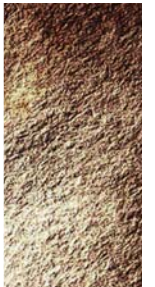
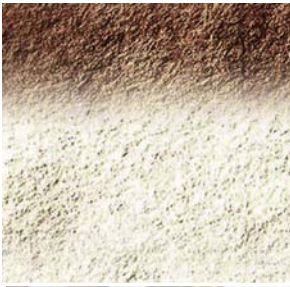
Em 2005 em Goiânia somos convocados para uma reunião nacional onde articula-se a nossa participação na Marcha Zumbi + 10 e a primeira Conferência Nacional de promoção da Igualdade Racial; construção da agenda de 2005.

Em 2006 em Santo André-SP, a assembléia além de eletiva tratou do tema: Memória, planejamento e auto-sustentação.

Em 2008 o Brasil é mobilizado para celebrar o Grande Jubileu de Prata dos Agentes de Pastoral Negros com festa em São Paulo, na ocasião os Estados fizeram varias atividades alusivas aos 25 anos alem de eleger uma nova coordenação nacional.

Em 2009 os APNs participam de vários momentos marcantes para história do movimento Negro no Brasil, a realização da Segunda Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial; a Conferência da ONU de Avaliação da III Conferência Mundial Contra o Racismo em Genebra; coordena e participa com vários delegados do Congresso Nacional de Entidades Negras Católicas (CONENC), realizada em São Luiz; participa de missões oficiais do CONSEA no Haiti e Estados Unidos e do Encontro da Pastoral Afro Latina America e Caribenha (EPA) no Panamá.





AS BANDEIRAS DE LUTA DOS APNs

A Dimensão da Fé

Os APNs, ao longo de sua história, estiveram irmanados com a questão da Fé, principalmente reconhecendo que essa dimensão é um dos caminhos para buscar a verdadeira identidade dos negros no espaço de fé, dentro e fora das Igrejas.

O Ecumenismo é uma das marcas da entidade. O que o torna diferente das demais entidades do movimento negro brasileiro é a mística que marca as atividades dos Agentes de Pastoral Negros nos encontros, reuniões e assembléias.

Ao menos dois encontros nacionais tiveram por tema central exposições sobre religião afro, especialmente “Negritude e Fé a partir do Candomblé”. Embora os APNs tenha sido uma criação de pessoas advindas das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e ativistas da Teologia da Libertação, as Igrejas Cristãs o Candomblé a Umbanda e os Evangélicos sempre tiveram lugar garantidos na entidade desde que respeitadas a dimensão da fé a partir da negritude.

Foram nestes encontros que vários dos APNs descobriram que ecumenismo é mais do que conhecer uma outra fé e uma outra religião. A Campanha da Fraternidade de 1988 ajudou muito a difundir o papel ecumênico, e diríamos o caráter inter-religioso dos APNs já que hoje acolhemos vários afiliados diversas religiões¹⁰.

Os APNs se abriram tanto para a prática inter-religiosa que já teve a alegria de ter nos seus quadros diretivos uma mãe de santo. Heitor Frisotti, um sacerdote italiano católico membro desta entidade e teólogo respeitado escreveu livro falando sobre Teologia e religiões afro-brasileiras, entre outros que ressaltaram esse estilo de viver a fé.

Vale ressaltar aqui que os APNs foram coordenados nacionalmente por uma mãe de santo do Rio Grande do Sul.

Formação Permanente

Com o objetivo de animar a caminhada de fé e vida das vocações oriundas das Congregações Religiosas, eram quase que diários os encontros dos jovens negros e negras em período de formação na década de 80 e 90 proporcionados pelos Agentes de Pastoral Negros.

Com esses encontros era comum se constatar que os formadores das casas religiosas não estavam preparados para trabalhar nas suas comunidades a questão da raça negra e principalmente com aqueles que se descobriam e assumiam o seu “ser negro”. Isso causava reações conflitantes e psicológicas no vocacionado. O espaço dos APNs era não só a fonte mas também o consolo de muitos formandos negros em tempos de formação.

¹⁰ APNs e Ecumenismo; Pe. Heitor Frisotti

Educação e Negritude

A prática de muitos APNs ao longo dos anos dedicados à questão da educação informal foi se utilizando dos encontros e das atividades de formação para incluir uma metodologia educacional na questão da política do negro e nos espaços educacionais como uma via de incluir o negro e os elementos da cultura e da história afro nos seus currículos.

As primeiras experiências vieram dos APNs do Sul do Brasil foi se alastrando pelos Estados onde atuamos como um verdadeiro embrião e daí surgem os encontros de APNs professores para debater a questão do “Negro e a Educação”.

Por esse motivo os Agentes de Pastoral Negros passam a integrar o Conselho Nacional de Educação, representados pela Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, que mais tarde se destaca como relatora do projeto que inclui no curriculum educacional a história e cultura da África, o que hoje é a lei 10.639.

Os projetos de Educação dos APNs estão mais presentes hoje em São Paulo, Paraná, Goiás e Bahia

Mulher Negra

Com um encontro nacional em 1990 em Belo Horizonte as mulheres APNs se organizaram no seio da entidade para tratar temas específicos. A partir das lutas feministas as mulheres negras, mesmo com suas práticas religiosas, uma marca constante no ser APNs, vão

dando suas contribuições para a formação de novas lideranças feministas negras e reflexão do seu papel no seio das Igrejas, que por vezes chegou a condenar essas ações. Hoje temos trabalho permanente com mulheres negras em São Paulo, Goiás, Rio de Janeiro, Bahia e Paraná

O quarto e último encontro aconteceu em 2001 em Salvador-BA.

Projeto com Crianças Negras

Os APNs ao longo de sua história sempre se dedicaram a trabalhar com as crianças entendendo que ali está o futuro não da só entidade, mas também a garantia de homens e mulheres em condições de continuar a luta de resistência do povo negro.

O projeto dos APNs em trabalhar com as crianças é uma proposta de educação alternativa, onde se procura trabalhar a auto-estima das crianças e adolescentes negros e pobres, além de propor atividades que contribuam para o desenvolvimento de suas capacidades físicas, psíquicas, motoras e intelectuais. Atualmente temos trabalho com crianças em Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo.

Política em favor da Segurança Alimentar

Os Agentes de Pastoral Negros do Brasil (APNs) compõem o CONSEA desde julho de 2003, sendo a única entidade do movimento negro nacional na gestão 2003-2004 e 2004-2007. No último período, assumiu o desafio de coordenar a Comissão Permanente de Segurança

Alimentar e Populações Negras, estimulando o trabalho conjunto entre o movimento negro, o poder público, os CONSEAS Estaduais e as lideranças das comunidades tradicionais negras. Dentre as políticas aprovadas pelo CONSEA, voltadas para a população negra, podemos destacar:

- Avaliação do Programa Nacional de Alimentação Escolar e recomendação de elevação do valor do repasse federal per capita da alimentação escolar para as escolas das comunidades quilombolas;
- Discussão sobre o controle social e a participação popular (comunidades de terreiro, quilombolas e lideranças do movimento negro);
- Recomendação ao Ministério da Saúde para alertar os consumidores da farinha fortificada, no qual o uso não é recomendado para os portadores de anemia falciforme.

Na coordenação da Comissão Permanente de Segurança Alimentar e Populações Negras, os APNs conseguiram garantir a discussão de políticas de segurança alimentar e nutricional (SAN) sob o eixo étnico/racial, através da inserção da temática no rol de debates da I Conferência Nacional de Igualdade Racial, realizada em Brasília em julho de 2005 e da realização de um seminário nacional sobre segurança alimentar e as populações negras, na cidade de Salvador, em novembro de 2006.

Atualmente nossa representante no Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional é a APNs Ana Lucia Pereira.

Participação no Conselho Nacional da Igualdade Racial

Os APNs são uma das organizações que participam do Conselho Nacional da Igualdade Racial (CNPIR) desde a sua criação, onde fomos representados no período entre 2004 a 2006 por João Carlos Pio de Souza, como conselheiro titular, e Ana Lúcia Pereira, como conselheira suplente.

Neste período destacamos que a entidade esteve presente em todas as reuniões realizadas pelo CNPIR, sempre com destaque e presença ativa dentro do Conselho. Em relação ao CMPIR em si, o limite do conselho também coincide com os próprios limites e dificuldades da própria SEPPIR com a sua tarefa de articular transversalmente, dentro dos diversos órgãos do Estado Brasileiro e junto aos Ministérios, a promoção da igualdade racial e, particularmente, as políticas para a população negra.

No conselho, especificamente, não deixaram de acontecer, durante muitos momentos, algumas tensões provocadas pelos diversos interesses e demandas dos grupos étnico-raciais e organizações representadas no mesmo, o que dificultou em alguns momentos uma maior unidade entre os conselheiros em torno de objetivos e propostas em comum.

Ao longo deste período de existência do CNPIR é preciso reconhecer que faltou da parte da SEPPIR e do próprio Conselho construir e dar uma maior destaque e visibilidade ao mesmo, pois em momentos importantes e de radicalização da discussão na sociedade brasileira em relação a questões como o Estatuto da Igualdade Racial e as cotas, o

conselho praticamente se manteve no silêncio e praticamente não se posicionou.

Na verdade faltou e falta voz para o conselho. Neste período de existência do Conselho vale destacar que o mesmo ainda é deficiente quando ao exercício do seu papel primordial, que é o de controle social e monitoramento dos programas e ações desenvolvidos pela SEPPIR. Não podemos deixar de destacar que esta e outras questões foram sempre pontudas durante as reuniões por diversos conselheiros. Apesar destas dificuldades não podemos deixar de considerar a importância e a necessidade de manutenção do CNPIR enquanto um organismo de representação e participação da sociedade civil.

Atualmente os APNs ainda mantêm a sua cadeira dentro do CNPIR, sendo representados pela Jacinta Maria, de São Luiz, Maranhão, como conselheira e Leandro Dias, de Goiás, como suplente.

Defesa das Comunidades Quilombolas¹¹

A realização desse Encontro Estadual das Comunidades Remanescentes de Quilombos é mais um passo importante na caminhada histórica dos Agentes de Pastoral Negros, na longa caminhada rumo ao fim das desigualdades raciais no Brasil.

É muito comum para nós, ao falarmos de associações quilombolas,

¹⁰Discurso na Abertura do Encontro Estadual das Comunidades Remanescentes de Quilombos em Ivaiporanduva - SP em 16/04/2009

o imaginário popular achar que isso é algo restrito ao passado, ou um legado apenas aos livros de história do Brasil colônia, mas a verdade é que as comunidades quilombolas existem em quase todos os Estados Brasileiros. Levantamento da Fundação Cultural Palmares da conta de pelo menos 3.524 comunidades.

É muito comum para nós, ao falarmos de associações quilombolas, No período de redemocratização do Brasil, os APNs ajudaram lideranças das comunidades remanescentes de quilombos intensificar a busca por direitos de cidadania. Envolvidos no processo de elaboração da Constituição Federal de 1988, asseguraram o direito à preservação de sua cultura e identidade, bem como o direito à titulação das terras ocupadas por gerações e gerações de homens e mulheres, que se contrapuseram ao regime escravocrata e constituíram um novo modelo de sociedade e de relação social.

Em março de 2004 o Governo Federal criou o programa Brasil Quilombola, como uma política de Estado para essas comunidades, abrangendo um conjunto de ações integradas entre diversos órgãos governamentais. O direito à terra e ao desenvolvimento econômico e social passaram a ser reais e assumidos como prioridade governamental. Todas estas ações são coordenadas pela SEPPIR, por meio da Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais.

Como um dos objetivos de monitorar e dar sustentação política e social e fortalecer a implantação desse Programa os Agentes de Pastoral Negros no Estado de São Paulo, instalou oficialmente em 12 de outubro passado seu primeiro núcleo em uma comunidade remanescente, baseada hoje no Quilombo de Caçandoquinha no litoral norte. E tenho

por compromisso criar pelo menos mais um núcleo até o final da minha gestão na direção estadual.

Dentro do espírito da produção de ações efetivas na garantia de direitos cabe aqui assinalar que os Agentes de Pastoral Negros do Estado de São Paulo, reafirma sobremaneira o compromisso de continuar unindo as Comunidades Remanescentes de Quilombos, na luta política para que o Estado Brasileiro continue suas funções no que tange a:

1. Identificação e regulação das terras ocupadas historicamente pelas comunidades quilombolas;

2. O fortalecimento e a capacitação de sustentabilidade social, cultural, ambiental e econômica das comunidades quilombolas;

3. Buscar a efetivação dos direitos sociais e da cidadania, fortalecendo a participação e o controle social das comunidades quilombolas; e aqui os APNs têm um papel fundamental de se inserir como um elo político no diálogo com as comunidades e as entidades governamentais a exemplo do que vem fazendo com algumas comunidades como Caçandoquinha e Cafundó em São Paulo, Quilombo de Cromínia em Goiás e em Vitória da Conquista na Bahia.

Oxalá se dermos conta de cumprir esses três pontos importantes aqui assumidos por essa entidade. Temos certeza de estar contribuindo com as Comunidades Remanescentes de Quilombos no Brasil.

Quero desejar a vocês um feliz encontro, contem como nosso apoio

e que as conquistas de vocês serão duplamente celebradas por todos nós.

Articulação e relação com Pastoral Afro-brasileira

Os APNs por uma razão histórica não podem negar uma proximidade com a Pastoral Afro desde o nascimento desta. Na verdade a constituição da pastoral afro pela CNBB se deu a partir de uma demanda e por ação dos APNs, que desde a década de 80 pressionavam para um maior posicionamento da Igreja Católica no sentido da criação de uma estrutura para a ação pastoral junto ao afro-brasileiros.

A Campanha da Fraternidade de 1988, da qual os APNs foram os principais protagonistas, foi um momento fundamental que desembocou na criação do Secretariado de Pastoral Afro dentro da estrutura da CNBB em meados da década de 90. Esta realidade é reconhecida pelos próprios documentos da CNBB sobre a Pastoral Afro-brasileira (Documento 85).

A criação da Pastoral Afro pela CNBB é também, dentre tantas outras, uma das conquistas dos APNs ao longo destes mais de 20 anos de vida, assim como também o é a criação dentro da Conferência dos Religiosos de Brasil (CRB) do Grupo de Reflexão de Negros e Indígenas (CRENI) e o próprio Instituto Mariana de articulação de Padres, Bispos e Diáconos Negros (IMA).

Esta história é tão importante que o próprio documento 85 da CNBB sobre a Pastoral Afro-Brasileira reconhece que a teologia desta “tem uma ligação e se expressa na prática de vários grupos, os APNs, o

GRENI, o IMA, o Grupo Atabaque de cultura e teologia”.

Uma realidade que devemos considerar é que a relação Agentes de Pastoral Negros e Pastoral Afro- Brasileira em alguns momentos não deixou de ser sem conflitos, conflitos estes inerentes a qualquer realidade e grupos sociais. Muitas das dificuldades têm a sua origem na falta de conhecimento e de diálogo.

Na perspectiva de buscar uma superação das dificuldades, não só com a atual gestão da coordenação nacional APNs, mas com as anteriores, sempre procuraram colaborar, aproximar e construir o diálogo com a Pastoral Afro. Neste sentido as ações foram se concretizando no período entre 2006 a 2008 da seguinte forma:

a) Os APNs participaram, promoveram e ajudaram a coordenar todas as edições do Congresso Nacional das Entidades Negras Católicas (CONENC).

b) Os APNs integram o Grupo de Trabalho Afro (GTA) do Secretariado de Pastoral Afro da CNBB (PAB), que se constitui numa instância técnica e executiva da PAB.

c) Durante o período da gestão do Pe. Jurandyr Azevedo, na assessoria do Secretariado Pastoral Afrobrasileira, trabalhamos e construimos uma ação colegiada, particularmente dentro do Grupo de Trabalho Afro, onde colocamos em prática os objetivos de aproximação, diálogo e preservação da autonomia de todos os grupos e a busca pela construção de uma unidade na ação, que continua nos dias de hoje com a presença do PE. Ari Antonio dos Reis.

d) Em vários Encontros Nacionais dos Padres, Bispos e Diáconos negros, tivemos sempre uma participação ativa e construtiva nos últimos anos em especial na década de 90 e muitos deles sempre estiveram nas atividades nacionais dos APNs.

Lembramos que neste processo, acima descrito, uma das perspectivas trabalhadas e acordadas foi a de reconhecimento da autonomia dos APNs, da Pastoral Afro e dos demais grupos, sem a interferência e intromissão nas questões internas e ações de cada entidade ou grupo, mesmo se reconhecermos que há uma relação de interdependência entre os mesmos e que se conecta com a própria história.

Para os próximos anos, acreditamos que devemos dar continuidade e aprofundar o diálogo, a aproximação, colaboração e apoio à PAB, preservando e reconhecendo a autonomia das organizações.

Participação no Congresso Nacional do Negro e da Negra do Brasil (CONNEB).

O CONNEB já está em processo de organização e preparação há 14 meses e os APNs hoje estão presentes como uma das organizações dirigentes do congresso. Em relação ao congresso é preciso destacar que a construção deste não tem sido um processo fácil, principalmente, em razão do contexto em que vivemos de polarização dentro do movimento negro e também pelas divergências ideológicas e políticas que existem dentro do movimento negro nacional em relação às diversas questões ligadas às demandas da comunidade negra.

Apesar da idéia de consenso criada e estabelecida pelas organizações, alguns momentos, como a Assembléia realizada em São Paulo em outubro de 2007, que quase inviabilizou a continuidade do congresso por causa da radicalização das 31 posições e falta de maior objetividade em relação à dinâmica organizativa do congresso, particularmente em relação à questão da participação do número de delegados por Estado estabelecido pelo Regimento interno do CONNEB e aprovado na Assembléia de lançamento realizada em março de 2007 na cidade de Belo Horizonte.

Em relação à participação dos APNs no processo de organização e preparação do CONNEB é necessário reconhecer que ainda não há uma adesão do conjunto da entidade e há alguns membros que divergem quanto à participação em razão das experiências negativas acumuladas na relação dos APNs com outras organizações e lideranças do movimento negro.

Nos eventos do CONNEB realizados até hoje só tivemos a participação dos APNs de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Bahia. Apesar das informações enviadas para todos os Estados e lideranças APNs ao longo de 2007, muitos APNs não acompanham e nem sequer ainda sabem da existência do CONNEB. As nossas dificuldades não são só nossas, mas também têm a ver com a forma como até então tem se dado a organização do CONNEB, que não contribui muito para a circulação das informações e, principalmente, a organização e envolvimento das entidades e de negros e negras de uma maneira mais geral.

Na maioria dos Estados o CONNEB ainda não se conseguiu organizar, o que também dificulta uma maior participação dos APNs

no nível local. É necessário considerar que a participação nas reuniões e eventos relacionados ao CONNEB implica em gastos financeiros com deslocamento, o que compromete a participação de muitos, uma vez que não temos uma caixa específico para garantir o deslocamento dos APNs. Neste sentido os APNs e a própria Coordenação Nacional, que têm participado dos eventos do CONNEB, se fizeram presentes porque usaram recursos próprios.

Em relação ao CONNEB precisamos nesta Assembléia Nacional definir como se dará a nossa adesão e mesmo participação, ou até mesmo se vamos continuar participando. Lembramos que na última reunião da coordenação executiva do CONNEB que ocorreu no mês de janeiro, em Vitória, Espírito Santo, e que contou com a participação de Nuno Coelho (APNs SP), foi comunicado que estaríamos tomando posição quanto à continuidade dos APNs dentro do CONNEB.

PROFETISMO, TESTEMUNHO e ESPERANÇA¹¹

Há muito tempo venho refletindo sobre as diversas formas de sociabilidade que congrega as pessoas: emoção, afinidade, identidade. Nas grandes metrópoles o que predomina é a sociedade do consumo, o bem-estar material e isso se encontra atrelado ao direito de sentir-se bem, sendo a qualidade de vida a bússola que norteia as buscas do indivíduo. Tenho andado por lugares onde há grande densidade de pessoas, onde prevalece o individualismo e o anonimato. E aqui uma pergunta: Até onde elas são felizes e realizadas socialmente?

O individualismo, que imperava no período do Estado Liberal, foi substituído pela ideia de socialização, no sentido de preocupação com o bem comum, com o interesse público. Isto não significa que os direitos individuais deixaram de ser reconhecidos e protegidos; pelo contrário, estenderam o seu campo, de modo a abranger direitos sociais e econômicos.

O fracasso do chamado Estado Social de Direito é evidente. No Brasil, a exemplo do que ocorre em muitos outros países, não houve a mínima possibilidade de que milhões de brasileiros tivessem garantidos direitos sociais dos mais elementares, como saúde, educação, previdência social, moradia. Grande parte da população não tem assegurado o direito a uma existência digna.

No início dos anos 70, a sociedade brasileira vivia uma transformação

¹¹Artigo escrito por Nuno Coelho para os APNs em 2008 em vista da celebração dos 25 Anos da entidade

social-política que pautava a vida e as ações das pessoas da época e as congregava em grupos políticos e estudantis afim de lutar e garantir não só a liberdade política, mas os mais elementares direitos sociais e humanos. E a Igreja como instituição sagrada surgia como porta-voz dos que não eram ouvidos e nem podiam se colocar frente ao poder da época. Assim no seu seio surgiam as comunidades de base e os movimentos de mulheres, trabalhadores, rurais, juventude organizada, etc....

Os Agentes de Pastoral Negros (APNs) surgem nos anos 80 como um grande aglutinador de pessoas que se unem ao redor do eixo: Conscientização, Organização, Fé, Luta e trazem não só as expectativas de luta social como também o grande profetismo de esperança para o povo negro e seus descendentes e respeitando sempre as linhas de ações dos outros movimentos negros e somando nas grandes decisões.

Neste início de século, parece não haver dúvidas sobre a consolidação do movimento negro e em especial dos Agentes de Pastoral Negros (APNs) no cenário das lutas sociais do Brasil.

Seu combate contra o racismo chega ao século XXI de modo bastante forte e atuante. Numa demonstração de importância em relação ao conjunto dos movimentos sociais. Graças a isso, a discriminação racial e o racismo, que são os principais problemas estruturais da nação brasileira ganhou uma ampla visibilidade social, o que, de certa forma, forçou mais uma vez o debate sobre a questão racial no Brasil e a situação subalterna dos negros.

Sonhar com um mundo de iguais, fraterno e livre. Em que os homens vivam apenas para o dia de hoje. Sonhar com um mundo sem

patrões, sem governos, sem ricos nem pobres. Sonhar com a Utopia de Thomas Moore, com a República de Platão, com o Socialismo de Karl Marx. Sonhar com a Era de Aquários que acabou nunca acontecendo. Sonhar com um mundo completamente diferente do competitivo mundo do século 21. Sonhar, sonhar sempre!

Continuemos, pois, a sonhar. Quem sabe, um dia, conseguiremos idealizar e, acima de tudo, concretizar uma sociedade perfeita. Uma célula fraterna, gerida por um núcleo de notáveis escolhidos entre os mais sábios e mais magnânimos. Uma sociedade que funcione com uma única célula, sempre em prol do bem comum. Essa é a grande célula que congrega e nos anima a fazermos parte dos Agentes de Pastoral Negros, que mesmo chegando aos 25 anos de idade continua em processo de mudanças e desafios, em busca do outro para somar-se a nós.

Aos 33 a alegria de celebrar os 25¹²

Em 2008 ao completar 33 anos, coloquei-me a refletir profundamente a relação da minha nova idade com os 25 anos de fundação dos Agentes de Pastoral Negros do Brasil, ocorrida em 14 de março de 1983, no auge da conturbada vida política do Brasil.

Eu fui captado por um grande anseio de juntar-me à família APN por conta do seu lema: Organização, Fé e Luta, onde atuo como militante ativo desde 2003 e aí já se vão mais de 5 anos de uma experiência que me consome dia-a-dia e me torna cada vez mais dependente, não só de uma árdua dedicação devido a liderança que hoje exerço, mas pelo fato de nos Agentes de Pastoral Negros, ter compreendido o

verdadeiro sentido da missão política-social e cultural do movimento social em virtude da dignidade e dos direitos da população negra, vivendo ao mesmo tempo a mística da fé e o nobre exercício político e social do poder e da conquista.

Ao chegar aos 33 anos de vida, já me distancio do período juvenil estipulado oficialmente pela Organização das Nações Unidas (ONU), mas me sinto em pleno vapor para ajudar não só os APNs, mas todo o Brasil a lutar por efetivas e justas Políticas de Ações Afirmativas tão sonhadas por todos nós. É verdade que o governo tem buscado lutar para avançar a pauta das políticas sociais, porém sem nossa contribuição como agente social e militante nada será possível.

Ao longo dos anos tenho conquistado grandes relações de amizade e idealizado muitos projetos, alguns de cunho pessoal e outros coletivos, mas todos eles têm sido uma escola de vida e de formação até mesmo profissional, já que ser APN é um sentimento de pertencimento que se carrega por todos os rincões. O nosso lema é o resultado da nossa vida prática e cotidiana. Muitos nos identificam pela sigla e tão pouco por nossa identidade civil.

E aqui está uma responsabilidade que devemos nos atentar a cada dia e, ao celebrar 25 anos de fundação, temos que comparar com o tempo de nossa vida biológica e refletir que o tempo avança e a maturidade nos acompanha, entre outras experiências os APNs também é a grande escola da maturidade humana, política e social.

Espero portanto que se Deus me permitir chegar ao limite de idade dos nossos malungos e quilombolas em que muitos deles chegam

a celebrar uma centena de anos, que eu veja em vida uma boa parte dos meus sonhos realizados a partir da minha luta e organização com grande fé, meus filhos e companheiros, não sofrerem mais de ordem de preconceito racial, discriminação social ou ter que continuar lutando bravamente para que os dignitários da Nação e do Estado cumpram o digno dever de executar as políticas de Ações Afirmativas.

O Brasil clama pelo Estatuto da Igualdade Racial, para não mais haver a discussão de cotas e pressão por direitos iguais e de qualidade.

Que OLORUM me permita viver muitos outros 33 anos, para caminhar com os APNs e deixar na história o meu legado de Organização, Fé e Luta para que meus filhos, Livia e João Eduardo, recebam no futuro o maior e mais valioso patrimônio que hoje estou construindo, a verdadeira Liberdade e o direito de ser igual a todos e a todas, sem preconceito e com o mesmo amor pela Organização!

Parabéns a nós!

¹²Artigo de Nuno Coelho sobre os 25 Anos dos APNs em abril de 2008 mantido o tom coloquial.

*“Que as marcas que nós APNs temos deixado nos caminhos
de nossas lutas de povo negro, se renovem sempre,
no continuado esforço para reescrever a
história da humanidade, na perspectiva
de homens e mulheres negros.*

*Nossas caminhadas continuarão sendo frutuosas,
pois temos a cor negra.*

*E esta cor para os antigos egípcios é uma cor benéfica,
associada ao renascimento das lavouras e
da vida, à fertilidade.*

*Entre o povo Shongoy do Mali, negro significa brilhante, resplan-
decente, saudável;*

*assim, um dia de sol resplandecente é um dia negro;
a água límpida e saudável de uma fonte é uma água negra.”¹³*

“Embalamos a nossa história com muito canto, muita dança, oração, muito axé. Nos fortalecemos com a fé nos(as) nossos(as) ancestrais, santos, santas e orixás. Reafirmamos e redescobrimos nossa pertença à África, fortalecendo nossa afrohistória-identidade-brasileira.

A idéia de todos irmanados na fé, na luta e na organização para a utópica construção do Quilombo Páscoa da Libertação correu o Brasil de norte a sul e de leste a oeste e ecoou além das fronteiras nacionais.

¹³25 Anos dos APNs - As marcas deixadas; Petronilha Beatriz G. S.

Muitos frutos vieram na ação com as crianças e adolescentes, com as mulheres, com as comunidades quilombolas, com a juventude, nos direitos humanos e na educação.

Aqui estamos, mas não sem dificuldades, conflitos, limitações. Ainda temos muito o que fazer, principalmente com a renovação que tivemos nos últimos tempos. A história precisa ser contada e recontada, realimentada com o novo, mas atentos aos desafios que se nos apresentam no combate e na superação do racismo e, sobretudo, na construção de políticas que promovam o efetivo desenvolvimento da comunidade negra brasileira.” Cita meu co-irmão João Pio de Souza.

A história e o significado da bandeira

A bandeira, que também é a logomarca dos Agentes de Pastoral Negros do Brasil, é fruto e uma tomada de posição após a realização em 1995 da Marcha dos 300 anos de Zumbi, que ocorreu em Brasília, Distrito



Federal. Neste evento, ocorrido na Esplanada dos Ministérios, apesar da atuante participação, não tínhamos, em meio à multidão presente, nenhum estandarte, símbolo ou bandeira que dessem visibilidade a nossa entidade, com o fizeram outras organizações. Após o retorno da marcha, em uma avaliação interna que realizamos sobre o evento, questionamos o fato dos APNs ainda termos uma bandeira que nos identificasse. Diante disso, foi deliberado que os quilombolas Hélcias e Judvan de Alagoas, a partir das sugestões e idéias levantadas, elaborassem uma proposta; a mesma foi apresentada e aprovada na Assembléia Nacional de 1996.

Significado

As cores vermelhas, amarelas, verdes e pretas se referem às cores da Unidade Africana e representam a referência à luta histórica dos povos do continente africano e da diáspora negra pela libertação e pela justiça.

O mapa do Brasil significa que a luta e organização da nossa entidade se dão e devem ser pensadas dentro do nosso território nacional com os desafios e a diversidade de realidades que temos e que encontramos para a conquista dos direitos e da cidadania.

O rosto dentro do mapa do Brasil, que pode ser de um negro ou de uma negra, aí está para lembrar que a luta a ser empreendida deve ter sempre como referência um olhar para o nosso continente-mãe, a África, assim como também indica que devemos estar atentos à realidade do mundo.